

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT17.011

AMBIGUIDADE E HUMOR NA LITERATURA: EXPLORANDO A SEMÂNTICA COM GÊNEROS HUMORÍSTICOS NO ENSINO

Daniela Jaqueline Tôrres Barreto¹
Laís de Oliveira Sena²

RESUMO

O presente estudo investiga como a ambiguidade e o humor, enquanto fenômenos semânticos, aliados à literatura, podem ser utilizados no ensino de Letras para desenvolver a competência interpretativa dos discentes. A pesquisa baseia-se em um experimento didático aplicado a alunos do curso de Letras e de Pedagogia, em uma universidade estadual no interior do Maranhão, no qual foram explorados textos humorísticos, como piadas, trocadilhos, crônicas e tirinhas, para analisar a construção do sentido a partir da literatura e semântica. A fundamentação teórica apoia-se em estudos sobre semântica (Ferrarezi Junior, 2008; Cançado, 2008; Guiraud 1960), sobre a natureza do humor e suas funções (Eagleton, 2020) em relação ao humor na literatura (Bergson, 1983), e a crônica humorística (Candido, 1992). Desse modo, a metodologia envolveu a análise de enunciados com múltiplas interpretações, promovendo a reflexão sobre os fatores linguísticos e contextuais que influenciam a construção do significado. Os resultados indicam que a utilização de gêneros humorísticos potencializa a aprendizagem ao tornar o

1 Doutora pelo Curso de Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT; danielajaqueline20@gmail.com

2 Graduada pelo Curso de Letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe - UFS; laissena408@gmail.com

estudo da semântica mais dinâmico, engajador e interativo, favorecendo a compreensão da polissemia, da homonímia e das ambiguidades estruturais. O estudo evidencia a importância de estratégias inovadoras para o ensino, reforçando a necessidade de práticas que integrem a teoria à prática pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de Letras, Gêneros Humorísticos, Literatura, Semântica.

INTRODUÇÃO

A semântica, bem como os elementos que a compõem, não são somente recursos estéticos; são chaves que ajudam a decifrar a construção de sentidos na leitura e na prática educativa. No contexto da semântica, o binômio ambiguidade e humor pode transformar a sala de aula em um espaço dinamicamente participativo, no qual os estudantes confrontam polissemias e homônimas de forma concreta e dinâmica.

Nessa perspectiva, no âmbito acadêmico, o ensino de semântica pode ser um desafio. Por isso, este estudo justifica-se pela necessidade de desenvolver a competência interpretativa dos discentes do curso de Letras, utilizando estratégias de ensino-aprendizagem. A abordagem de gêneros humorísticos, como tirinhas, propagandas e crônicas, em sala de aula potencializa a aprendizagem, tornando o estudo da semântica mais dinâmico, engajador e interativo. Além disso, pode qualificar futuros professores para transformar o fenômeno semântico da ambiguidade, frequentemente visto como um problema, em um potente recurso linguístico e criativo na educação básica.

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência didática com discentes de Letras e Pedagogia, evidenciando como a ambiguidade pode ser explorada no ensino de semântica e literatura da língua portuguesa. De forma conectada à necessidade de métodos mais dinâmicos que liguem teoria semântica à prática de leitura e produção textual entre futuros docentes.

Dessa maneira, a experiência foi estruturada como um minicurso intitulado “Jogos de Palavras: semântica e humor na literatura”, aplicado a alunos dos cursos de Letras e Pedagogia em uma universidade pública no município de Estreito-MA. Ocorrendo em dois encontros nos dias 10 e 17 de maio de 2025, buscou-se analisar a construção do sentido e fomentar a reflexão sobre os fatores linguísticos e contextuais que influenciam o significado. Desse modo, a metodologia deste estudo segue a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, estruturada como expe-

rimento didático. Dessa forma, a seguir, trataremos da fundamentação teórica envolvendo os múltiplos sentidos da semântica, do humor e da literatura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SEMÂNTICA COMO PORTAL DE SENTIDOS MÚLTIPLOS

A semântica ocupa-se das propriedades do signo, especialmente sentido, significado e significante, podendo ser estudada ao longo do tempo (mudanças semânticas), nas relações entre signos (organização do léxico) e no contexto de uso (enunciados).

Nessa vertente, os sentidos, a depender do enunciado, podem ser múltiplos, isso ocorre devido ao fenômeno semântico da ambiguidade, que ocorre quando o que foi dito/apresentado assume mais de uma possibilidade de interpretação. Cançado (2008, p. 63) elucida que “a ambigüidade lexical pode ser gerada por dois tipos de fenômenos distintos: a homonímia e a polissemia”. Desse modo, a autora afirma que a ambiguidade lexical costuma derivar de dois fenômenos distintos, precisamos entendê-los melhor, sendo assim:

A homonímia ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados. Existem as palavras homógrafas, com sentidos totalmente diferentes para a mesma grafia e o mesmo som; e as homófonas, com sentidos totalmente diferentes para o mesmo som de grafias diferentes. (Cançado, 2008, p. 63).

De acordo com o mencionado, na ocorrência homonímica, temos três especificidades: palavras **(i) homógrafas** - apresentam sentidos bem distintos, no entanto a grafia é igual, mas o som é diferente; **(ii) homófonas** - palavras com som semelhante, mas a grafia e o sentido são totalmente diferentes; e **(iii) homônimas perfeitas** - que apresentam som e grafia semelhantes, o sentido diferente (Barreto, 2024). Nesse viés, a homonímia e a polissemia, ao apresentarem múltiplos sentidos, poderíamos

pensar que tratam do mesmo fenômeno, mas não são, por mais que “[...] os dois fenômenos lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica, entretanto, polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si” (Cançado, 2008, p. 63). Desse modo, enquanto uma não apresenta relação interna com seus significados, a outra, para ser polissêmica, precisa que os sentidos tenham algum tipo de relação interna entre si.

Guiraud (1960, p. 36, tradução nossa) complementa a informação anterior ao afirmar que “esta polissemia - ou existência de muitos significados para a mesma palavra - é ainda mais agravada pela homonímia, isto é, a existência de palavras de origem diferente, que acaba sendo confundida como consequência de sua evolução fonética”³. O autor assevera que ambos os fenômenos apresentam mais de um sentido; porém, a homonímia, devido à sua evolução fonética (por exemplo, terem palavras semelhantes, no entanto com raízes etimológicas diferentes), causa algumas confusões de sentido. Ou melhor, Guiraud (1960) observa que a polissemia pode ser “agravada” pela homonímia, quando formas de origens etimológicas diferentes se igualam foneticamente e passam a “confundir” o falante – por exemplo, *manga* (da camisa) e *manga* (fruta). Cançado (2008, p. 64) complementa a explicação sobre a diferença entre a homonímia e a polissemia:

A distinção homonímia/polissemia é de extrema relevância na descrição do léxico de uma língua. Palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais. Em muitos casos, a mesma palavra pode ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e ser polissêmica em relação a outros.

Conforme a autora argumenta, a diferenciação dos dois fenômenos é perceptível no dicionário, sendo polissêmicas as que apresentarem

3 “esta polissemia -o existencia de muchos sentidos para una misma palabra- está agravada además por la homonimia, o sea la existencia de palabras, diferentes en su origen, que terminaron por confundirse a consecuencia de su evolución fonética” (Guiraud,1960, p. 36).

uma entrada no léxico com mais de um significado. No que diz respeito à homonímia, apresentará mais de uma entrada lexical, devido à sua origem; ainda, sendo possível uma palavra ser polissêmica e homonímica, dependendo da relação semântica de um dado contexto (Barreto, 2024). Além disso, Pietroforte e Lopes (2003, p. 529) acrescentam que:

A homonímia entre a manga da camisa e a manga fruta, [...] dizem respeito, [...] a identidades [...] entre suas imagens acústicas. [...] homónymos, do grego, quer dizer 'que tem o mesmo nome'[...]. Quando se utiliza o termo polissemia, o critério de definição muda do significante para o significado. Assim, palavras polissêmicas, que possuem mais de um significado para o mesmo significante [...].

Dessa maneira, os autores, anteriormente, asseguram que a polissemia é um fenômeno pertinente ao significado; enquanto os fenômenos da homonímia são pertinentes ao significante. Ilari e Geraldi (2004, *apud* TEIXEIRA, 2009, p. 52) acrescentam: “a homonímia costuma ser considerada a raiz de uma ambiguidade ou dupla leitura de frases”. Ambos os fenômenos trazem a possibilidade da dupla interpretação, a depender da forma como foi construída a frase. Nesse sentido, a ambiguidade não decorre apenas do léxico; Ferrarezi Junior (2008, p. 179-180) descreve três causas frequentes:

A ambigüidade do texto pode ser causada por vários fatores, mas há três tipos fundamentais: a. ambigüidade causada pela polissemia de uma palavra [...]; b. ambigüidade causada por anáforas ou catáforas de múltipla interpretação [...]; c. ambigüidade pela possibilidade de múltipla interpretação estrutural.

A ambiguidade (ocorrida devido à polissemia, à anáfora ou à catáfora, e também em função de problemas estruturais do texto) devido ao seu caráter de possibilidades múltiplas pode gerar na hora da escrita a construção de um texto ambíguo, causando equívocos na interpretação. Por isso, sua ocorrência pode comprometer a clareza textual quando não é intencional; por outro lado, quando é proposital, torna-se recurso expressivo valioso (publicidade, literatura, tirinhas, canções). Sobre a polissemia,

Ferrarezi Junior (2008, p. 166) acrescenta que “a compreensão de seu funcionamento é essencial para a compreensão do que seja a estrutura gramatical e o processo de atribuição de sentidos de uma língua”. Conforme o autor, o fenômeno da polissemia é um recurso fundamental para a construção textual, sendo primordial entender a estrutura gramatical e a atribuição de sentidos ao texto.

Dessarte, “a linguagem humana é polissêmica, pois os signos, tendo um caráter arbitrário e ganhando seu valor nas relações com os outros signos, sofrem alterações de significado em cada contexto” (Pietroforte; Lopes, 2003, p. 531). Em suma, a linguagem é intrinsecamente polissêmica e, por isso, abre espaço para leituras múltiplas. Sendo esses recursos bem utilizados e produtivos quando usados intencionalmente, por exemplo, em anúncios, publicidades, músicas, poemas, dentre outros; especialmente quando explorados em gêneros humorísticos – ponte para a próxima seção, em que examinamos a aliança entre **humor e literatura** no ensino de semântica.

2.2 HUMOR E LITERATURA: UMA ALIANÇA PRODUTIVA

Eagleton (2020) estabelece o riso como um fenômeno profundamente ambivalente e funcional. Sua natureza é paradoxal, combinando o fisiológico e o emocional, o animal e o humano, o controle e a sua perda. Suas funções são múltiplas: serve como um mecanismo psicanalítico de alívio da repressão; como uma força metafísica que subverte a tirania do sentido unívoco; como uma forma alternativa de cognição que apreende a fluidez da realidade; e como uma expressão da incongruência fundamental da existência humana, dividida entre o corpo e o espírito.

A relevância do humor na literatura é multifacetada e profunda, indo muito além do simples entretenimento, além de atuar como uma ferramenta poderosa. Segundo Bergson (1983), o cômico insere-se na literatura através de processos técnicos que manifestam a rigidez e o automatismo, como: repetição mecânica, linguagem profissional e transposição (estilo).

A repetição mecânica do cômico surge quando o personagem continua a falar, agir ou pensar de forma mecânica ou automática, desajustada à realidade atual. A linguagem profissional é um modo comum de levar a profissão à comicidade é fazer com que o personagem use a fala especializada (direito, medicina, por exemplo) para coisas usuais, mostrando-se incapaz de falar como todos.

Já a transposição é a paródia, um processo cômico obtido pela transposição do solene em familiar, onde algo respeitado é apresentado como “mediocre e vil”, como pode-se observar:

Foi, sem dúvida alguma, a comicidade da paródia que sugeriu a certos filósofos, em particular a Alexandre Bain, a idéia de definir o cômico em geral pela degradação. O risível surgiria ‘quando nos apresentam uma coisa, antes respeitada, como mediocre e vil’. Mas se nossa análise estiver certa, a degradação não passa de uma das formas da transposição, e esta por sua vez é apenas um dos meios de obter o riso. Existem muitos outros, é a fonte do riso deve ser procurada mais além. De resto, sem ir tão longe, é fácil ver que, se a transposição do solene em trivial, do melhor em pior, é cômica, também o poderá ser a transposição inversa. (Bergson, 1983, p. 60).

Bergson (1983, p. 92) sugere que o absurdo cômico tem a mesma natureza que o dos sonhos. O sonho é uma descontração que rompe com a tensão contínua exigida pelo bom senso (trabalho), permitindo que o riso, enquanto um “jogo de ideias”, convide o espectador à indolência e ao alívio da “fadiga de pensar”.

A inserção do humor na literatura, para Bergson, é um mecanismo de generalidade que utiliza processos de repetição e inversão para evidenciar a rigidez mecânica ou o automatismo do ser humano. A comédia, sobretudo em gêneros literários como crônicas, tirinhas e charges, ao fazer isso, serve à sociedade, expondo o que precisa ser corrigido pelo riso.

Em relação à crônica humorística, sua consolidação como gênero literário no Brasil está diretamente ligada à ascensão do humor. Candido (1992, p. 15) informa que, ao longo do percurso histórico do gênero, a crônica foi largando a intenção de comentar ou informar, para ficar

“sobretudo com a de divertir”. O autor analisa que o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma se dão na fórmula moderna, que é definida precisamente pela inclusão do humor. Esta fórmula ideal contém “um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia” (Candido, 1992, p. 15, grifo do autor), e esse gênero adota um tom ligeiro para assumir um ar de gratuidade ou de conversa aparentemente fiada.

A crônica fica próxima do leitor, ajustando-se à sensibilidade de todo o dia, e o humor atua nesse processo de humanização. Dessa forma, Candido (1992, p. 14) acrescenta:

[...] vamos pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase [...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoa de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

O autor (1992) enfatiza que o humor não é meramente diversão. A leveza e a despretensão, muitas vezes veiculadas pelo humor, permitem que a crônica aborde temas sérios e realize críticas sociais profundas de maneira sutil e eficaz. Candido (1992) cita exemplos como “Carta a uma senhora” de Drummond e “Última crônica” de Sabino, onde o “humor lírico” serve de veículo para dramas sociais. Ele também menciona “Luto da família Silva” de Rubem Braga como exemplo de crônica-militância que utiliza o ziguezague de uma aparente conversa fiada para fazer crítica social engajada.

Em suma, para Candido (1992), o humor não é um mero adorno na crônica, mas o instrumento essencial que viabiliza a estética do gênero menor, permitindo-lhe realizar uma crítica social profunda e uma visão humana da vida cotidiana, disfarçada sob a capa da leveza e do entreteni-

mento. Desse modo, na sequência, apresentaremos o caminho percorrido pelo minicurso, como foi organizado e alguns resultados.

3 METODOLOGIA: O MINICURSO EM FOCO

Este estudo insere-se no escopo da pesquisa qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório-descritivo, “são estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno [...]. Podem ser encontradas [...] informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante” (Marconi; Lakatos, p. 188, 2003). Sendo estruturado como experimento didático (intervenção pedagógica breve) com inspiração em pesquisa-ação formativa, dado o envolvimento direto e ativo dos participantes na construção e avaliação das atividades (Tripp, 2005).

Além do mais, a pesquisa-ação trata de um processo que aprimora a prática pelo agir e investigar no campo da prática, de modo que, “[...] planeja-se, implementasse, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (Tripp, 2005, p. 445-446). Tal pesquisa é cíclica em busca de solucionar problemas, envolvendo identificação, planejamento, implementação, monitoramento e avaliação.

A experimentação ocorreu em uma universidade pública estadual, na cidade de Estreito-MA, para estudantes do curso de Letras, em sua maioria, e de Pedagogia, no formato de minicurso, com duração de dois encontros (4 horas/aula cada), totalizando 8 horas. Participaram discentes regularmente matriculados, de forma voluntária. O delineamento da experimentação contemplou: (i) exposição dialogada e análise de materiais, observados os fenômenos semânticos, que foram foco do minicurso (Dia 1); e (ii) oficinas de criação e reescrita orientadas (Dia 2), seguidas de socialização e metarreflexão (para além da reflexão), favorecendo ciclos de ação-reflexão-ação.

Nesse sentido, o **corpus** constituiu-se de: a) **materiais de apoio** (apresentações em slides, quadros-síntese conceituais e exemplos comentados

de ambiguidade lexical, sintática e pragmática, polissemia e homonímia, ironia); b) **textos de gêneros humorísticos** (tirinhas, charges, memes, propagandas, letras de música, crônicas breves com exploração semântica do humor); c) **produções dos discentes** (mapas semânticos, reescritas de enunciados ambíguos, microtextos humorísticos, relatórios com reflexões finais).

3.1 ETAPAS DO EXPERIMENTO

A partir das produções dos discentes, organizados em grupos, totalizando sete grupos, tem como objetivo mostrar como os alunos aplicaram, de forma autoral e colaborativa, os conceitos semânticos trabalhados, especificamente para as produções foram alvos os fenômenos da ambiguidade e da polissemia, alinhando-se aos tópicos e atividades do minicurso.

Dessa maneira, as sínteses das produções demonstram que os discentes transitaram com êxito da teoria (aulas do minicurso) para a prática (ação das atividades práticas), utilizando o humor como ferramenta de exploração semântica.

I CONEXÃO TEÓRICA E IDENTIFICAÇÃO SEMÂNTICA

Os resultados obtidos na análise das produções da experimentação evidenciam que os fenômenos semânticos e o humor na literatura, bem como as análises de textos humorísticos, foram internalizados pelos grupos, que demonstraram capacidade de identificar, refletir, criar e categorizar os fenômenos semânticos explorados. Desse modo, para exemplificar o que foi afirmado anteriormente, de forma sucinta, enumeramos dados de três grupos:

- O **Grupo 1** identificou corretamente a ambiguidade lexical na tirinha original, discriminando os sentidos de “nada” como verbo (ação de nadar) e como advérbio de negação (ausência de algo).

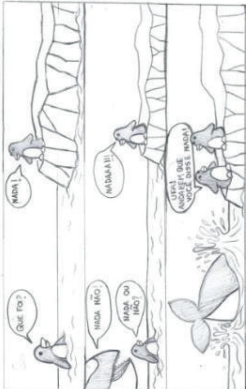
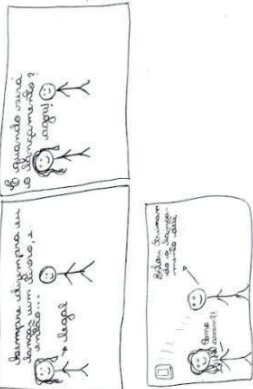
- O **Grupo 3** fundamentou sua tirinha na polissemia da palavra “corda” (objeto de segurança vs. filamento musical).
- O **Grupo 4** trabalhou a crônica de Clarice Lispector, demonstrando que a palavra “bobo” possui nuances de sentido que podem ser manipuladas (tolice vs. paixão).


Dessarte, a base teórica permitiu que os discentes selecionassem e explicassem a natureza da ambiguidade (polissemia, homonímia ou ambiguidade contextual) antes de proceder à sua alteração, atendendo ao requisito de análise de textos humorísticos. Visto que esses fenômenos aparecem nesses textos de forma intencional. Desse modo, na sequência, traremos algumas das produções elaboradas pelos grupos.

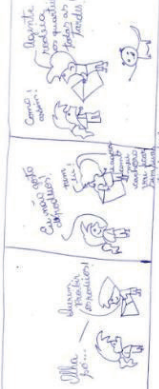
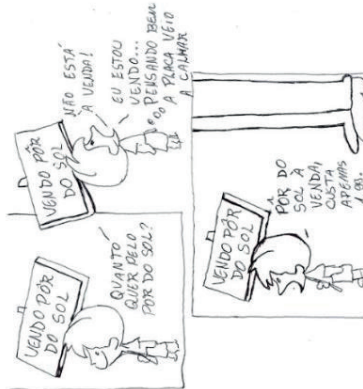
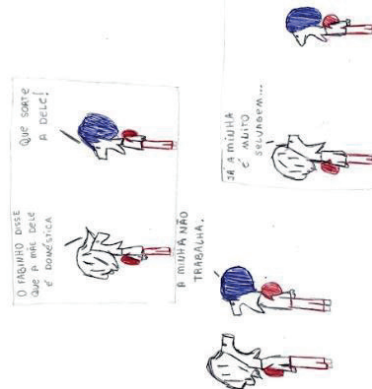
II **ATIVIDADE PRÁTICA 1: REESCRITA DE TEXTOS HUMORÍSTICOS** (TIRINHAS)

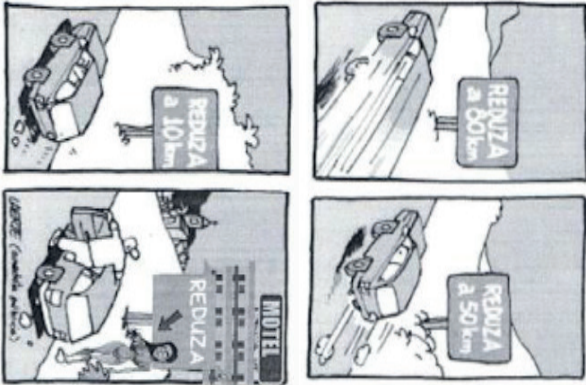
Nesta atividade, o foco era a reescrita de textos humorísticos (tirinhas) com alteração da ambiguidade, demonstrando a manipulação intencional do sentido para gerar um efeito diferente. Como demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 - Reescrita criativa: tirinhas

Grupo	Atividade	Palavra Ambigua	Manipulação da Ambiguidade	Síntese do Trecho (Efeito)
Grupo 1		Nada	Buscou preservar a ambiguidade, mas mudou o desfecho cômico. A fala "UFA! AINDA BEM QUE VOCÊ DISSE NADA!" encerra a confusão, confirmando a negação.	Ambiguidade mantida para climax e resolvida no alívio.
Grupo 2		Lançamento	Explorou o desvio contextual entre o sentido editorial (livro) e a ação de arremessar.	A ambiguidade é resolvida (e o humor gerado) pela revelação do sentido de "lançamento de arremessar".

Grupo	Atividade	Palavra Ambigua	Manipulação da Ambiguidade	Síntese do Trecho (Efeito)
Grupo 3		Corda	<p>Utilizou a ambiguidade para criar um desencontro comunicativo de alto risco.</p>	<p>O personagem em perigo grita "A CORDA! RÁPIDO, A CORDA!", mas o outro interpreta como reclamação sobre o violão: "JÁ QUEBROU DE NOVO? JÁ FALEI PARA NÃO MEXER NO MEU VIOLÃO!".</p>

Grupo	Atividade	Palavra Ambigua	Manipulação da Ambiguidade	Síntese do Trecho (Efeito)
Grupo 4		Rodeios	Trabalhou a ambiguidade situacional ou contextual.	O contraste entre a proibição do esporte ("Proibir rodeios!") e a atividade de lazer ("Agente rodeia os quarteirões todos as tardes!").
Grupo 5		Vendo	Analisou a ambiguidade lexical da palavra VENDO entre o verbo "vender" (comercializar) e "ver" (assistir, olhar, contemplar).	O personagem aproveitou a confusão entre estar vendo (olhando) o pôr do sol, causada pela curiosidade do personagem secundário, para cobrar um valor específico por essa venda (comercialização), causando um desfecho modificado.
Grupo 6		Doméstica	Explorou a ambiguidade lexical, gerada entre a palavra "doméstica" como profissão (funcionária do lar) e como adjetivo usado para animal (dócil, manso)	Modificou a ambiguidade entre "mãe doméstica" e "mãe braba e selvagem" para "mãe que não trabalha".

Grupo	Atividade	Palavra Ambigua	Manipulação da Ambiguidade	Síntese do Trecho (Efeito)
Grupo 7		Reduza	<p>Abordou a ambiguidade lexical de forma intencional, criando um efeito cômico com base na polissemia.</p>	<p>Alteração da confusão do personagem com “reduza a 80 km” (diminuir velocidade) para o humor em “Motel Reduza” (lugar), ideia de chegar a esse lugar inesperado.</p>

Fonte: Autoras, 2025

De acordo com o quadro, os Grupos 1, 2, 3, 5, 6 e 7 concentraram-se na ambiguidade lexical, enquanto o Grupo 4 difere ao usar a ambiguidade contextual, mostrando que a mesma palavra pode ter significados opostos dependendo do domínio de uso (exemplo, o exporte [rodeios] em contrapartida à rotina de dar voltas [arrodear] com o cachorro, também poderia ser pessoas que dão muitas voltas [rodeios] para falar algo). Todos os grupos demonstraram que a dependência do significado ao contexto é a chave para desfazer as ambiguidades.

III ATIVIDADE PRÁTICA 2: CRIAÇÃO DE MICROTXTOS HUMORÍSTICAS

Esta atividade exigia a criação de microtextos humorísticos, explorando diferentes fenômenos semânticos. Sendo assim, a proposta era aplicar conscientemente os conceitos de polissemia, ambiguidade e ironia, percebendo como esses recursos podem ser manipulados intencionalmente para produzir humor. Nesse sentido, no Quadro 2, a seguir, serão apresentadas as abordagens de alguns grupos.

Conforme o exposto no quadro 2, os grupos aplicaram a polissemia para criar uma reviravolta no final. Com isso, o Grupo 1 focou em um conflito gerado por objetos concretos (fruta e vestimenta), enquanto o Grupo 4 focou em um conflito de estados emocionais ou psicológicos (tolice e paixão). Em ambos os casos, a construção evidencia a capacidade de articular a semântica lexical diretamente com o enredo, mais uma vez enfatizando que o sentido se dá pelo contexto, no uso.

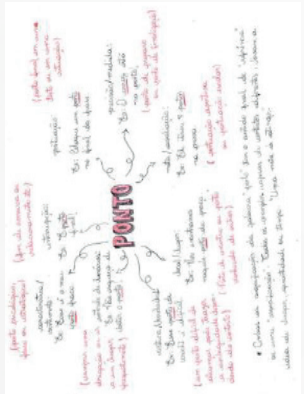
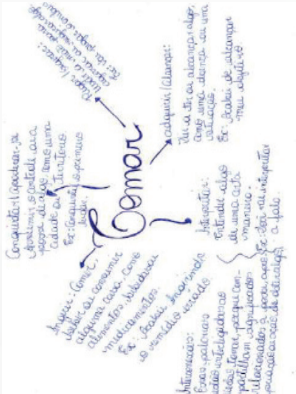
Além disso, podemos observar que a abordagem do Grupo 7, ao acrescentar um final criativo e surpreendente à crônica analisada, utilizou da ambiguidade pragmática como principal ferramenta humorística. Pois o personagem finge (ou realmente assume) uma interpretação puramente literal das expressões metafóricas da esposa (“paz”, “entendesse”), quebrando as expectativas comunicativas do cotidiano e transformando reclamações sérias em situações absurdas e cômicas.

IV ATIVIDADE PRÁTICA 3: MAPA SEMÂNTICO (POLISSEMIA)

A atividade de criação dos mapas semânticos é a prova mais robusta da assimilação dos conceitos semânticos sobre a estrutura do léxico. No qual puderam explorar o potencial de ambiguidade das palavras. À vista disso, cada grupo partia de uma palavra polissêmica ou homônima e tinha que mapear seus diversos significados e contextos de uso. Esse exercício nos permite visualizar graficamente as redes semânticas que formamos mentalmente. Dessa forma, os mapas resultantes servem como registro visual das possibilidades de criação humorística baseada na multiplicidade de sentidos.

Nesse viés, todos os grupos conseguiram ramificar a palavra central em múltiplos domínios de uso (físico, técnico, abstrato), para representar a polissemia. A seguir, no Quadro 3, verificaremos como ficaram essas organizações:

Quadro 3 – Mapa semântico

Grupo	Atividade	Palavra Mapeada	Domínio Semântico Principal	Evidência de Metacognição
Grupo 1		PONTO	Abrangente: Localização, Medida, Característica, Pontuação.	Consciência metacognitiva. A síntese é que as ramificações de 'ponto' têm o sentido final de "referência" ou "especificidade".
Grupo 2		TOMAR	Ações de Apropriação ou Aquisição (Ingerir, Conquistar, Adquirir).	Adicionou a ramificação de "interconexão", descrevendo que os sentidos "partilham significado" e referem-se a "lugar, quantidade ou tempo".

Grupo	Atividade	Palavra Mapeada	Domínio Semântico Principal	Evidência de Metacognição
Grupo 3		CHAVE	Transição do objeto concreto (porta, kit de chaves) para o abstrato (chave de acesso).	Foco na identificação de domínios de uso (doméstico, técnico e digital).
Grupo 4		LEVE	Clara distinção entre a qualidade física (pouco peso, toque suave) e a qualidade abstrata/emocional (humor leve).	Capacidade de categorização meta-semântica ao separar os sentidos em "físicos" e "emocional".
Grupo 5		CABEÇA	Definição de sentido concreto (anatomia humana, objeto) e sentido figurado (intelecto, liderança).	Diferenciação entre objetos concretos e abstratos ao explicar suas relações de uso utilizando exemplos "bati a cabeça no chão" e "o cabeça da quadrilha foi preso".

V DISCUSSÃO FINAL: APLICABILIDADE DA ATIVIDADE NO ENSINO

As produções demonstram que o minicurso cumpriu seu objetivo ao capacitar os discentes a compreenderem, refletirem e aplicarem as ideias semânticas de forma autônoma, tendo grande relevância para o ensino básico, visto que:

- **Consciência Linguística:** As notas de rodapé e “interconexão” do Grupo 1, Grupo 2, Grupo 6, e a categorização do Grupo 4, vão além da mera listagem. Elas mostram que os discentes desenvolveram uma compreensão avançada da estrutura semântica, essencial para o ensino do léxico e da leitura crítica.
- **Uso de Gêneros Variados:** A capacidade de aplicar conceitos semânticos em tirinhas (humor visual), crônicas/contos (narrativa) e mapas semânticos (organização conceitual) sugere que os alunos podem replicar essas atividades no ensino básico para abordar fenômenos da semântica lexical, por exemplo, polissemia, ambiguidade, homonímia, de forma dinâmica e envolvente.
- **Ambiguidade como Recurso Criativo:** Ao manipular palavras, como “corda”, “nada”, “manga” e “bobo”, os alunos demonstraram que a ambiguidade, frequentemente vista como um problema na comunicação, é na verdade um poderoso recurso linguístico e criativo que pode ser explorado para fins de humor e construção de sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - REFLEXÕES E IMPACTOS DA EXPERIÊNCIA

O presente capítulo dedica-se à análise dos resultados obtidos no experimento didático, discutindo os impactos da abordagem e relacionando as produções dos discentes com a fundamentação teórica que

norteou o estudo. Os resultados indicam que as expectativas iniciais não foram somente atendidas, mas superadas. A utilização de gêneros humorísticos potencializou a aprendizagem da semântica, o que ficou explícito nas atividades produzidas pelos discentes.

O primeiro impacto notável foi o fortalecimento do pensamento crítico e o desenvolvimento da competência interpretativa. O minicurso propôs a análise de enunciados com múltiplas interpretações, exigindo que os alunos aplicassem ativamente alguns fenômenos da semântica lexical, por exemplo, a ambiguidade lexical, a sintática e a pragmática.

Ao analisar os textos humorísticos, os participantes precisaram identificar a ambiguidade presente no texto que gera o humor. Nesse viés, alinha-se à concepção de Eagleton (2020), que vê o humor como uma força que subverte a tirania do sentido unívoco. Por exemplo, na atividade de reescrita criativa (Quadro 1), o Grupo 1 identificou a polissemia do verbo “nada”, e o Grupo 3 explorou a palavra “corda”.

Essa prática auxiliou os alunos a reconhecerem, como aponta Ferrarezi Junior (2008), que a ambiguidade não é apenas um “problema” textual, mas um recurso expressivo valioso. Para entender o humor, os discentes tiveram que associar o que Bergson (1983) chama de ‘jogo de ideias’, desenvolvendo uma leitura crítica que vai além da superfície, e compreendendo que a interpretação do significado no contexto é o mecanismo para decifrar as ambiguidades presentes.

Na atividade de reescrita criativa (Quadro 1), os grupos demonstraram domínio técnico ao alterar o desfecho cômico, manipulando a ambiguidade. O Grupo 2, ao explorar “lançamento” (editorial vs. arremesso), e o Grupo 7, com “reduza” (velocidade vs. lugar), aplicaram de forma prática a polissemia como uma das causadoras de ambiguidade, discutida por Cançado (2008).

Em relação à criação de microtextos humorísticos (Quadro 2), as atividades revelaram a compreensão dos conceitos discutidos na primeira aula do Minicurso. O Grupo 1 com “manga” e o Grupo 4 com “bobo” exploraram a polissemia, demonstrando compreender que os sentidos polissêmicos

têm alguma relação interna entre si, como exemplifica Cançado (2008). Já o Grupo 7, ao explorar a palavra “paz” (harmonia vs. silêncio), avançou para a ambiguidade pragmática, mostrando compreensão de que o contexto de uso é crucial para a análise.

Na atividade Mapa Semântico, os alunos exploraram as ramificações de palavras como “ponto”, “cabeça” e “banca”. A consciência metacognitiva demonstrada pelos grupos prova que eles deixaram de ver a semântica apenas como um conjunto de regras e passaram a percebê-la como algo vivo e criativo. Essa capacidade de criação corrobora a visão de Pietroforte e Lopes (2003) de que a linguagem humana é intrinsecamente polissêmica.

A metodologia do Minicurso “Jogos de Palavras: semântica e humor na literatura”, organizada em aulas expositivas, dialogadas, com análises de textos (Dia 1); e oficinas de criação e reescrita, seguidas de socialização de material (Dia 2), fomentou o aprendizado coletivo, além de tornar o estudo da semântica mais estimulante e interativo.

Isso reflete diretamente a teoria sobre a crônica humorística de Candido (1992), quando diz que o tom ligeiro e a proximidade que o humor proporciona permitem que temas complexos da semântica sejam abordados de maneira eficaz. O humor, todavia, não foi um mero adorno, mas o instrumento essencial que viabilizou a aprendizagem, alinhando-se a discussões sobre ele como ferramenta. Ademais, o humor como ferramenta parte de interesses, necessidades e intenções dos autores, por exemplo, charges, propagandas, anúncios, dentre outros.

Ao final dessa experiência didática, entendemos que ela trouxe relevância para o ensino básico. Pois capacitou os participantes (discentes de Letras e Pedagogia), futuros professores, ao abordar os conteúdos de semântica, literatura e humor de forma inspiradora, dinâmica e criativa, aspectos que podem refletir na educação básica.

Os discentes demonstraram competência cognitiva para usar e interpretar os gêneros utilizados, como tirinhas, charges, propagandas e crônicas, além de desenvolver todas as atividades solicitadas, cumprindo

o objetivo de integrar a teoria à prática pedagógica. A experiência evidencia que a ambiguidade, quando tratada através do humor, transforma-se de um obstáculo interpretativo em um grande recurso linguístico e criativo.

Portanto, considera-se a necessidade de ampliação desta experiência, pois a metodologia provou-se eficaz e alinhada às demandas, utilizando estratégias inovadoras. Dessa forma, sugere-se a aplicação em outras turmas e contextos formativos, reforçando a ideia do ensino da semântica, não como uma disciplina difícil, mas como uma forma de explorar o potencial criativo da linguagem em seu uso.

CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs a investigar como a exploração da ambiguidade e do humor, aliados à literatura, poderiam ser utilizados para desenvolver a competência interpretativa dos discentes dos cursos de Letras e Pedagogia. Os resultados do experimento confirmam que esta abordagem não apenas atendeu, mas superou as expectativas iniciais, demonstrando que a utilização de gêneros humorísticos potencializou a aprendizagem da semântica, tornando-a mais dinâmica, interativa e engajadora.

Nessa vertente, a partir do experimento do minicurso, buscou-se o fortalecimento do pensamento crítico e o desenvolvimento de uma consciência linguística avançada por parte dos participantes. Os alunos não se limitaram a identificar a ambiguidade lexical (gerada por homonímia ou polissemia), mas demonstraram a capacidade de manipulá-la intencionalmente em diferentes gêneros textuais (tirinhas e microtextos) para gerar o efeito de humor.

Além disso, a evidência mais robusta da assimilação conceitual reside na Atividade 3 (Mapas Semânticos). Ao mapear palavras como: *ponto*, *tomar*, *chave* e *leve*, os grupos foram além da mera listagem de significados (polissemia). Eles alcançaram o nível de metacognição semântica,

conseguindo abstrair e categorizar os núcleos conceituais que uniam esses sentidos. Por exemplo, a capacidade do Grupo 1 de sintetizar as ramificações de *ponto* no sentido final de “referência” ou “especificidade” ou de o Grupo 4 categorizar *leve* em domínios “físicos” e “emocionais” demonstra uma compreensão da estrutura semântica que corrobora a visão de que a linguagem humana é intrinsecamente polissêmica.

A pesquisa valida a aliança produtiva entre humor e semântica. O humor, neste contexto, configurou-se como o instrumento essencial que viabilizou a aprendizagem. Ao confrontar enunciados com múltiplas interpretações, os alunos aplicaram ativamente a ambiguidade, reconhecendo-a como um recurso expressivo valioso quando intencional.

Nesse sentido, a metodologia do minicurso (aulas expositivas seguidas de oficinas de criação e reescrita, no ciclo de ação-reflexão-ação) comprovou-se eficaz em integrar a teoria à prática. Assim, a competência demonstrada pelos discentes ao transitar entre gêneros (humor visual em tirinhas, narrativa em microtextos, organização conceitual em mapas) sublinha a relevância desta experiência para a formação de futuros professores. A ambiguidade, por exemplo, quando tratada através do riso, transforma-se de um obstáculo interpretativo em um poderoso recurso linguístico e criativo.

Em suma, a experimentação demonstra o sucesso na aplicação de estratégias inovadoras alinhadas às demandas de ensino. O estudo reforça a necessidade de se conceber o ensino da semântica não como uma disciplina afastada/distante, mas como uma forma de explorar o potencial criativo da linguagem em seu uso.

Portanto, reafirmamos, com isso, o entendimento de que a fluidez dos sentidos é o motor da linguagem: a semântica gosta do caos, ele é o combustível que a semântica precisa para mover-se. Os sentidos habitam este mundo no qual o movimento tomou conta de tudo, onde as ideias não têm altares, elas necessitam de fluidez, pois se fixarem na transcendência perdem o ritmo, se fecham, ficam rígidos e perecem.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Daniela Jaqueline Tôres. *A semântica nos livros didáticos, de língua portuguesa, do ensino fundamental: em busca de uma semântica reticular*. 2024. 265 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, Programa de pós-graduação em linguística e literatura (ppgllit), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína-TO, 2024.
- BERGSON, Henri. BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: editora da UNICAMP, 1992.
- EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. São Paulo: editora Record, 2020.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola Editora, 2008.
- GUIRAUD, Pierre. *La Semántica*. México: Fondo de cultura económica, 1960.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. *Semântica Lexical*. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 489-538, 2003.
- TEIXEIRA, Denise Guerra de Almeida. *Léxico e atividades de categorização no livro didático de língua portuguesa*. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 28 de agosto de 2025.